

etc.

Literatura em Viagem

Jorge Sampaio em Matosinhos na abertura da nona edição da LEV

Páginas 34



Revelação

Futebolista Hugo Almeida tem filha secreta de dois anos

Página 36



Biografia

Laura Passos Coelho confessa que tem medo de morrer

Páginas 37

Reportagem / Design de luxo saído das mãos de artesãos de Famalicão

Poemas em cada peça

Cada peça de arte funcional possui um poema gravado à mão alusivo à memória que quer evocar. São normalmente textos escritos pelos dois irmãos.



Móveis de luxo que preservam memórias

Design Irmãos arquitetos desenham mobiliário a partir de tradições e feito por artesãos locais

Alexandra Lopes
cultura@jn.pt

● Helena e Paulo Costa, arquitetos, sempre gostaram de criar móveis. O que nunca lhes passou pela cabeça foi contar memórias através de peças de mobiliário que rapidamente se tornaram em peças de arte funcional. Os dois irmãos partem de memórias, lendas ou tradições para um processo cria-

tivo que as transfigura em móveis. Mas, não são uns móveis quaisquer. São peças fabricadas totalmente de forma manual com a ajuda de artesãos locais, que fazem parte da Alma de Luce, a marca que fundaram. Foi apresentada no início do ano, na "Maison e Object", em Paris.

"Conceber peças de mobiliário que recriassem memórias sempre foi um dos nossos objetivos e conseguimos avançar ago-

“Metamorphose” com borboletas

Este armário evoca a transformação pela qual as pessoas vão passando ao longo da vida, daí as borboletas que em algumas culturas significam a alma e a mudança.



Memórias angolanas

O “Pensador” recria uma lenda angolana que se refere ao anção que possuía o centro da adivinhação com pequenas figuras em madeira que determinavam a sorte.



- 1 Os dois irmãos** idealizam e concebem as peças de mobiliário
- 2 António Faria**, entalhador
- 3 Agostinho Mendes**, marceneiro confessa a “paixão” pela arte
- 4 El Bai’ia** lembra um palácio em Marraquexe
- 5 Cada gaveta** do móvel remete para as 24 concubinas e quatro mulheres
- 6 O enxoval** inspirado na história do avô António

Inspirados pelos contos do avô

● A Alma de Luce nasceu pela mão dos dois irmãos, Helena e Carlos Costa, de 39 e 35 anos, para “contar memórias” que “vêm da alma”. Um “bichinho” que ficou dos tempos em que o avô António contava “com requinte” histórias suas ou da sua imaginação.

Realidade ou simples fantasia, os dois arquitetos reconhecem que esses contos foram construindo o seu interior. Foi, aliás, a partir de uma história desfiada pelo avô que os dois irmãos criaram o “Enxoval”.

Contou-lhes uma vez o episódio em que a mãe deu à irmã o enxoval feito por ela própria e o que isso significava para ele, na altura com oito anos, e para a irmã. A partir dessa memória e da tradição das noivas levarem um enxoval quando casassem, nasceu um móvel, o “Enxoval”, que serve de bar, mas pode ser utilizado para outro tipo de arrumações.

Uma peça que recria em cristais, os “napperons” muito usados noutros tempos e homenageia memórias e heranças culturais como é objetivo da marca de mobiliário de luxo.

Os dois arquitetos já faziam “projetos integrados” onde os móveis estavam incluídos, mas trabalhar outro tipo de materiais e evocar tradições foi um objetivo só agora possível.

“Quando começamos a criar as peças da Alma de Luce foi algo inconsciente já que não tínhamos a real noção que estávamos a construir obras de arte”, adiantou Helena Costa. Para o futuro há muitas lendas, tradições ou memórias que os dois irmãos gostavam de recriar, como é o caso do Palácio da Pena ou da livraria Lelo.

ra”, dizem os dois arquitetos, evocando as recordações das histórias contadas pelo avô António, em grande parte responsáveis por esta paixão.

Os dois arquitetos concebem as peças que saem depois das mãos de vários artesãos. Todo o processo criativo, desde a ideia até à forma de fazer encaixar cada peça, à geometrização passando pela pesquisa e pelo design, sai do atelier da Alma de Luce, situado em Joane, Falmalicão.

Depois de todo este processo, cada artesão, como o marceneiro ou o entalhador, executa a tarefa que lhe cabe. Tudo é feito à mão. Mesmo os milhares de cristais que adornam o “El Bai’ia”, uma peça que recria o Palácio da Bahia, em Marrocos onde esteve instalado o harém de um sultão com quatro mulheres e 24 concubinas, são incrustados à mão. Um por um.

“É tudo feito à mão, o que torna tudo mais difícil”, conta Helena Costa. “Porque tudo tem de encaixar, todos os pormenores contam e essa é uma parte difícil que nós temos de conceber”, explica.

Aliás, Helena conta que não foi fácil encontrar artesãos nomeadamente entalhadores para trabalhar. “Não foi fácil porque não há ninguém que queira seguir este tipo de trabalhos artesanais”, sublinha.

Mas, Agostinho Mendes, marceneiro, adora o trabalho artesanal. “É preciso paciência”, reconhece. Contudo, confessa que lhe dá gosto fazer este tipo de trabalho.

“O “Pensador” [um dos móveis criados pelos irmãos] foi, para já, o que mais trabalho me deu porque as mais de 6000 peças têm de encaixar todas umas nas outras”, diz. “Não sei calcular quanto demorou a fazer porque não foi feito tudo de uma vez só, mas a encaixar todas as pecinhas talvez um mês”, explica.

A marcenaria é feita por Agostinho, que já está a trabalhar numa outra peça, mas outros têm a seu cargo outras tarefas. Exemplo disso é António Faria que é entalhador nos tempos livres.

Atualmente desempregado, António vai esculpindo a madeira para passar o tempo. Fez alguns puxadores para os móveis da Alma de Luce, mas ainda não teve oportunidade de ver o resultado final. As peças serão uma surpresa para este entalhador que não tem a quem ensinar a arte.

Os dois arquitetos não esperavam o feedback positivo que têm tido. “As peças de mobiliário que recriam lendas, tradições e memórias transformaram-se em peças de arte funcionais pelo retorno que temos recebido”, dizem.

Cada peça tem uma edição limitada a 30 exemplares e estão, essencialmente, destinadas ao mercado externo, fundamentalmente Arábia, Londres e Estados Unidos.

O “Enxoval”, um bar da Alma de Luce, por exemplo, custa 90 000 euros.

